

Blue Notes | Fechamento da Semana | 1 de novembro de 2024

Mercados cautelosos com agenda pesada à frente. Depois de uma campanha bem ruidosa, com atentados à vida e mudança de candidatura em cima da hora, a eleição americana finalmente chega a seu capítulo final totalmente indefinida de acordo com especialistas, apesar do favoritismo de Trump nos sites de aposta. Discussões ideológicas à parte, a discrepância entre os cenários de política econômica de Trump e Harris, num contexto de indefinição das pesquisas, gera um incentivo à redução de posições nos mercados globais às vésperas do evento. Os mercados estarão também de olho na reunião do FED, que deve desacelerar o ritmo de queda de juros para 25bps, mas sinalizar continuidade no ciclo de cortes. No Brasil, a incerteza acerca do pacote fiscal soma-se à falta de visibilidade externa, levando os mercados a precificarem altas nos juros futuros acima do que achamos necessário para controlar a inflação em condições normais. O COPOM deve entregar uma aceleração no ritmo de alta da Selic, mas deveria balizar o ritmo de altas em 50bps nas próximas reuniões.

Mercado de trabalho segue favorável para o consumo.

Dados da PNAD e do CAGED vieram melhor do que o consenso, sinalizando robustez no mercado de trabalho. A taxa de desemprego atingiu o 2º menor nível da série histórica, enquanto os empregos com carteira assinada acumulam quase 1.9 milhão de novas vagas em 12 meses. Indicadores de rendimento apresentaram leve arrefecimento na margem, mas mantiveram ganhos reais significativos. Nesse contexto, a solidez do mercado de trabalho deve continuar sustentando o crescimento do consumo no curto prazo, especialmente em meio a estímulos fiscais—como a elevação dos benefícios assistenciais—e ao aumento das concessões de crédito para pessoas físicas. A grande questão a saber, é se a reversão do ciclo monetário, somada a uma possível acomodação nos gastos fiscais, será suficiente para conter os riscos inflacionários através de moderação da demanda final.

Indústria cresce no 3º trimestre; comércio e serviços devem seguir tendência positiva.

Divulgada hoje, a PIM seguiu em crescimento ao avançar 1.1% m/m. em setembro, encerrando o 3º trimestre com alta de 1.6%, com destaques para a produção de bens de capitais e de consumo. Na semana seguinte à reunião do COPOM, que deve acelerar o ritmo de alta da Selic, as pesquisas de comércio e de serviços devem manter leitura de crescimento robusto da demanda, com dados antecedentes indicando resiliência da atividade econômica, em meio à dinâmica otimista apresentada pelo mercado de trabalho.

Nos EUA, economia em “goldilocks”.

Em relação a atividade, PIB do 3T teve crescimento robusto de 2.8%, com composição forte ao registrar avanço de 3.5% da demanda doméstica puxada pelo consumo que segue pujante. Sobre o mercado de trabalho, geração de vagas foi de apenas 12 mil em outubro, no entanto, o número foi severamente impactado pelos furacões e greves que ocorreram no mês. Os resultados anteriores tiveram revisões negativas, ainda assim resultaram em geração média sólida de 150 mil. A taxa de desemprego ficou basicamente estável, em 4.1%. As divulgações mostram um mercado de trabalho dinâmico, mas não sobreaquecido, corroborado pela queda dos salários para baixo de 4%. Apesar da inflação mais alta na margem, a dinâmica segue benigna nos últimos meses ao redor de 2.3% para o PCE subjacente. O conjunto de dados reforça um cenário de cortes graduais de 25bps nas reuniões até o fim do ano.

Na Europa, números diminuem preocupações.

O índice cheio de inflação avançou de 1.7% para 2%, enquanto o componente subjacente ficou estável em 2.7%. Nos últimos 3 meses, esse último mostra progresso ao rodar em 2.1%. A economia vem dando sinais de enfraquecimento, no entanto, o crescimento anualizado de 1.6% do PIB arrefeceu preocupações na margem. O mercado de trabalho dá sinais de afrouxamento, mas segue apertado. Os dados diminuem um ímpeto de aceleração no ritmo de cortes, mas reforça ajustes de 25bps para as próximas reuniões.